



O Conceito Agricultura Familiar e suas Disparidades

Concept Family Farm and Disparities

Evandro de Oliveira¹; Adilson Francelino Alves²

¹Universidade Federal de Santa Catarina, evandro11oliveira@gmail.com; ²Universidade Estadual do Oeste do Paraná, adilsonfalves@gmail.com

Resumo: Este artigo visa estabelecer uma discussão em torno do conceito agricultura familiar. Para isso, expomos a visão de dois autores sobre o conceito: Ricardo Abramovay (1990) e (2005), e Antônio Marcio Bauanin (2006) e (2003). O trabalho está dividido em quatro tópicos nos quais discutimos a agricultura familiar. No primeiro tópico realizamos uma introdução problematizando o conceito agricultura familiar com o intuito de enfatizar a disparidade que permeia o mesmo. No segundo, debatemos as ideias de Abramovay, no terceiro discutimos as ideias de Bauanin, e por último, apresentamos as considerações finais do artigo.

Palavras-chave: agricultura familiar, conceito, discussão.

Abstract: This article aims to establish a discussion on the family farm concept. For this, we expose the two authors insight into the concept: Ricardo Abramovay (1990) and (2005), and Antonio Marcio Bauanin (2006) and (2003). The work is divided into four topics that discussed the family farm. On the first topic we held an introduction questioning the family farm concept in order to emphasize the disparity that permeates the concept. In the second, we discussed the Abramovay ideas in the third discussed the Bauanin ideas, and finally, we present the concluding remarks of the article.

Keywords: family farming, concept, discussion.

Introdução

O conceito de agricultura familiar ainda está em construção. Atualmente existem diversas formas de entendê-lo e também distintas concepções de diferentes autores envolvendo o conceito. A seguir, irá se expor diferentes visões sobre o conceito agricultura familiar.

Iniciando com Altafin (2003) a agricultura familiar originou-se de cinco categorias sociais distintas, a destacar: os indígenas, os escravos africanos, os mestiços, os brancos não herdeiros e os imigrantes europeus. A mesma autora ressalta que o conceito agricultura familiar é um “guarda-chuva conceitual” no qual, “abriga grande número de situações, em contraposição à agricultura patronal, tendo como ponto focal da polarização o tipo de mão-de-obra e de gestão empregadas” (Altafin, 2003).



Schneider (2003) destaca que o conceito agricultura familiar abarcou sob sua égide várias categorias sociais, entre as quais se destacam: assentados, arrendatários, parceiros, integrados à agroindústrias, entre outros, que não mais encaixavam-se nos termos pequenos produtores, trabalhadores rurais, etc.

Já no Dicionário da Terra (2005), o verbete destinado a definir Agricultura familiar diz que o conceito possui diversos significados. Em matéria de política e sindical, o termo abarca uma variedade de produtores que tem por base de mão-de-obra a própria família. Relativo a lutas políticas, o conceito obtém o caráter formatado pelos poderes jurídicos, ou seja, a definição que está cristalizada no texto do Pronaf.

O conceito de agricultura familiar vem sendo definido e redefinido para englobar as mais diversas categorias sociais carentes de políticas públicas, podendo destacar: agricultores, pescadores, artesãos, assentados, extrativistas entre outras (Dicionário da Terra, 2005). O verbete agricultura familiar define o conceito de agricultura familiar como:

Para efeitos de construção de uma definição geral (conceitualmente universalizável), capaz de referenciar de forma abstrata a extensa diversidade de situações históricas e socioeconômicas e de tipos econômicos, a agricultura familiar corresponde a formas de organização da produção em que a família é, ao mesmo tempo, proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas (Dicionário da Terra, 2005, p.25).

Para Guanzioli (2012) a agricultura familiar não possui nenhum traço de superioridade relativo a outros segmentos do meio rural não familiar, apenas é uma diferenciação de uma categoria que usa mão-de-obra familiar na administração e produção na propriedade, o que, paradoxalmente, os não familiares fazem uso de mão-de-obra contratada para a realização destes serviços.

Nota-se que Altafin (2003) vê o conceito de agricultura familiar como um guarda-chuva conceitual; para Schneider (2003) o termo abarcou várias categorias sociais; no Dicionário da Terra (2005), a família é proprietária dos meios de produção e também executa as atividades, por sua vez Guanzioli (2012) entende que a agricultura familiar administra e produz em seu estabelecimento. Com isso é evidente que as visões citadas possuem algumas semelhanças e divergências.

Diante das diferentes perspectivas com relação ao termo, entendemos que para avançar na compreensão e análise das características que permeiam este segmento social, é importante analisar as obras a seguir: *De Camponeses a Agricultores: Paradigma agrário em Questão* (Abramovay, 2007), *A agricultura familiar entre o setor e o território* (Abramovay et al, 2005). Também utilizaremos *Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: questões para debate* (Buainain, 2006) e *Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural* (Buainain et al, 2003).



Acreditamos que estas quatro obras permitirão um melhor entendimento do conceito agricultura familiar. A seguir abordaremos Abramovay.

Abramovay e sua visão sobre agricultura familiar

A agricultura familiar foi formatada pelo próprio Estado. O Estado através de interferências nas estruturas agrárias, políticas agrícolas (que muitas vezes não refletem o interesse do agricultor), determinação estrita da renda agrícola e até a “modernização” do setor agrário, “criou” a agricultura familiar (ABRAMOVAY, 1990).

Segundo ele, a agricultura familiar que se encontra integrada ao mercado econômico, perdeu seu caráter camponês¹ pois, apesar do campesinato e a agricultura familiar possuírem algo em comum, que é a mão de obra familiar, são nítidas as diferenças sociais que existem entre os dois segmentos. Enquanto a produção familiar está inserida no mercado, a agricultura camponesa ainda produz para a própria subsistência ou possui ligações “fracas” com o mercado, ou os mercados no qual possuem conexões são mercados locais. O autor cita um exemplo que deixa notória essa disparidade. Abramovay faz um comparativo entre um suinocultor europeu do qual seu lucro depende do acordo realizado em Bruxelas, e o camponês da Índia para quem sua ligação com o mercado são as relações interpessoais que ele possui.

A agricultura familiar tem fortes ligações com o mercado (principalmente no Sul do Brasil) que, conseqüentemente, geram mudanças significativas advindas destas conexões; mudanças das técnicas produtivas, dos hábitos culturais, em suma, ocorrem transmutações em seu círculo social, como diz Abramovay, “de camponeses tornaram-se agricultores profissionais” (1990, p.139). Essa “nova” categoria social é caracterizada por não ser mais um estilo de vida, mas sim uma profissão, uma forma de trabalho. Neste sentido, segundo Abramovay, os laços comunitários² entre agricultores desapareceram e deram lugar à competição e efetividade que se tornam as novas “normas” para a reprodução social dos agricultores.

Na concepção de Abramovay (1990) após a segunda guerra mundial a agricultura familiar alimentou o continente europeu, esse fato deve-se principalmente aos novos traços incorporados pela categoria social, novas técnicas de produção, inserção no mercado capitalista.

¹ Nosso objetivo aqui não é despertar uma discussão em torno do conceito agricultura camponesa ou campesinato, mas apenas expor as ideias de Abramovay (1990).

² Abramovay entende por laços comunitários os códigos sociais que determinavam as condutas dos indivíduos, estas condutas por sua vez pautava-se pelas relações pessoa a pessoa.



Para ele o agricultor familiar não possui mais controle sobre sua propriedade, ou seja, não controla mais a maneira de produzir, o que produzir, a que preço vender, tudo isso é controlado pela esfera pública. É ela quem determina e organiza a agricultura familiar.

A mão-de-obra familiar é algo extremamente importante para a agricultura familiar; essa característica torna a agricultura familiar um setor único no capitalismo contemporâneo. São poucos os setores econômicos em que os laços familiares são tão importantes para um empreendimento.

Finalizando o pensamento de Abramovay, o autor destaca que dentre os países Latino-Americanos foi no Brasil que o conceito agricultura familiar mais ganhou força entre os movimentos sociais, comunidades científicas e até políticas públicas. O autor afirma que a expressão agricultura familiar não é apenas “um setor social e econômico, é um valor”, em outras palavras, o conceito reflete as diversas camadas da população rural que foram marginalizadas na história agrária, e que com a criação deste termo, começaram a ser valorizadas pelas políticas agrícolas e setores de pesquisa (Abramovay *et al.*, 2005).

Outra característica é a formação de associações e cooperativas de agricultores. Para Abramovay *et al* (2005) alguns produtores têm dificuldades em entrar no mercado, com isso a formação de empreendimentos coletivos promovidos por agricultores são exemplos de organizações que modificam os moldes empresariais existentes, em outras palavras, apresentam características dificilmente vistas em empresas capitalistas, uma vez que propiciam a muitos agricultores adentrarem neste ambiente de comercialização. Para Abramovay *et al* (2005), a agricultura familiar, a partir da década de 1990, também adquire uma feição sindicalista, neste momento esta categoria social reivindica pautas como: alternativas de comercialização, formas de produção associadas entre outras reivindicações.

Entendemos que Abramovay considera a agricultura familiar distinta da agricultura camponesa. Para ele, o camponês produz para a própria subsistência ou possui ligações tênues com o mercado, já a agricultura familiar possui fortes ligações com mercados capitalistas, o que ocasiona várias mudanças sociais e culturais nestes agricultores inseridos no mercado. Com isso, Abramovay supõe que estes agricultores não são mais camponeses, mas são “profissionais do campo”, tendo suas bases culturais camponesas substituídas por novos hábitos culturais de facetas capitalistas. Abramovay também destaca que a criação de cooperativas e associações facilita na inserção do produtor no mercado, possibilitando, desta forma, a venda de seus produtos. A seguir discutiremos Buainain.



A ótica de Buainain sobre agricultura familiar

Para Buainain a agricultura familiar brasileira é bem diversificada. Ela é composta por agricultores que vivem pouco acima da linha da pobreza e, simultaneamente, é composta também por agricultores afiliados ao agronegócio e que vivem muito acima desta mesma linha da pobreza. Essa diversificação também é advinda do caráter multifacetado da agricultura familiar, ou seja, das diversas características e fatores distintos que permeiam este segmento social, a citar: setor econômico, heranças culturais, formação histórica dos grupos familiares, diferentes meios de acesso e disponibilidade de recursos naturais e humanos, mercados distintos nos quais estão inseridos, etc. Portanto, para Buainain (2006), talvez seja um equívoco agregar o conceito “agricultura familiar” a estes diversos grupos distintos apenas por possuírem um princípio em comum, utilizar mão-de-obra familiar. Buainain (2006) ainda enfatiza que:

Nenhum critério ou metodologia é totalmente satisfatório, e nenhum está livre de certo grau de arbitrariedade. Em geral, o ‘corte original’— ser ou não ser agricultor familiar — é feito tomando-se, como variável básica, a utilização de mão-de-obra familiar. Que proporção de trabalho familiar caracteriza um agricultor como familiar? A partir de que quantidade de trabalho contratado o agricultor deixa de ser familiar e passa a ser patronal? Qual a importância de fatores como herança cultural, tradições etc.? Todas essas questões são relevantes e despertam polêmicas tão intensas quanto inconclusas (Buainain, 2006, p.18).

Segundo Buainain (2006), reconhecer essa diferenciação implica em uma reflexão sobre o desenvolvimento da agricultura familiar, e ao mesmo tempo, em refletir sobre os pontos positivos que uma agricultura alternativa pode trazer para esta categoria social. Para o autor, são nítidas as diferenças entre os agricultores familiares, principalmente se for comparado agricultores familiares residentes em diferentes países; com isso, Buainain explica que o conceito é apenas um rótulo com valores políticos, esse rótulo ajudou os grupos familiares brasileiros a serem inseridos na agenda política do país (Buainain, 2006).

Mesmo esse conceito tendo um caráter político, não se pode ignorar os questionamentos levantados pelo autor, de que são deixados de lado muitos aspectos relevantes da agricultura brasileira. Entretanto, Buainain encontra uma maneira de caracterizar a agricultura familiar enfatizando dois segmentos: a direção do estabelecimento deve ser exercida pelo produtor, e o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado (Buainain, 2006).

Segundo Buainain (2006) a agricultura familiar foi, durante muito tempo, “carente” de políticas agrícolas, tendo mudado de cenário apenas em 1996 com a criação do Pronaf e sua ampliação em 2004. Na década de 1990 a agricultura familiar foi muito



prejudicada pela inflação, o que leva Buainain a afirmar que a agricultura familiar foi e é um dos setores mais “fracos” da sociedade, sem mecanismos de proteção.

Os agricultores familiares optam pela diversificação da produção, produção de matérias primas para o uso na própria propriedade e também a plantação de alimentos para o autoconsumo; estas atividades visam reduzir que riscos econômicos e alimentares atinjam o estabelecimento. Entretanto, Buainain (2006) ressalta que estas ações são feitas também por outro viés:

[...] a diversificação e a produção para autoconsumo se explicam pelas condições objetivas enfrentadas pelos agricultores familiares no passado e que não estão ainda superadas para um número significativo de produtores: acesso precário aos mercados; imperfeições do processo de comercialização que tinham como resultado a baixa remuneração do esforço produtivo e a transferência de renda para os intermediários; insegurança alimentar por causa da distância dos mercados; isolamento nos períodos de chuva; acentuadas variações de preço entre a safra e a entressafra; ausência de mecanismos de financiamento e proteção contra os riscos da natureza (Buainain, 2006, p. 34).

Devido às alegações destacadas anteriormente, a opção pela diversificação da produção e autoconsumo alimentar é adotada pela maioria dos agricultores familiares. Todavia, conforme estas implicações vão sendo superadas, é notório que os agricultores vão especializando a produção e estabelecendo relações mais fortes com o mercado. Essa especialização da produção e maior interação com o mercado causam uma mudança na dinâmica e lógica produtiva da agricultura familiar, pois, novas normas e exigências serão impostas a estes agricultores, o que pode debilitar algumas unidades produtivas nas quais os agricultores possuem pouco suporte técnico e dificuldades em se readaptar ao novo modo de produzir, por outro lado, se os agricultores tiverem suporte técnico e boa capacidade de aprendizagem, esta especialização da produção e ligação com o mercado permite melhorar suas condições de vida (Buainain, 2006).

Buainain (2006), destaca que na região Sul do Brasil mais de 70% dos agricultores familiares vende mais de 50% de sua produção, enquanto no Nordeste mais de 50% dos agricultores são poucos ligados ao mercado. Contudo, os agricultores do Nordeste vivem abaixo da linha da pobreza, e os agricultores do sul vivem relativamente melhor que os produtores do Nordeste. Este ponto reflete a importância que o mercado de comercialização tem para o agricultor familiar.

Outro aspecto importante estudado por Buainain é o emprego não-agrícola. Para o autor, este tipo de emprego é proveniente da modernização da agricultura somado “à expansão de atividades industriais e de serviços, a montante e a jusante das atividades estritamente agrícolas” (Buainain *et al.*, 2003, p.315). Outro motivo é a expansão das indústrias que tem buscado espaços no meio rural para realizar suas atividades.



Buainain também vê a agricultura familiar como um fortalecedor da democracia. Para o autor, a agricultura familiar pode dar contribuições econômicas através da geração de renda, contribuições sociais ao compartilhar as riquezas não as monopolizando, e contribuições políticas na divisão do poder. Para isso acontecer é necessário que a agricultura familiar seja “explorada”, em outras palavras, a agricultura familiar deve se desenvolver e acompanhar as mudanças da sociedade no geral, e não visar o desenvolvimento sobre si mesmo, que usa a terra como terra de trabalho, mas sim visar um desenvolvimento desta “terra”.

Na visão de Buainain (2006), muitos agricultores familiares têm dificuldades de se inserirem no mercado. Estas dificuldades permeiam quatro motivos, flexibilidade, informação, qualidade e *timing*. Em matéria de flexibilidade, os produtores têm sérias dificuldades financeiras e tecnológicas para acompanhar as mudanças ou satisfazer as exigências do mercado capitalista. Muitos agricultores não possuem recursos, infraestrutura e conhecimentos necessários para se ajustarem aos moldes estabelecidos pelo mercado. Com isso, não satisfazendo as regras do mercado, este produtor é “excluído” do meio. A respeito das informações, os agricultores possuem um acesso precário às informações, e mesmo quando possuem essas informações, poucos conseguem colocar em prática devido, principalmente, a falta de recursos financeiros. Outro ponto é qualidade e *timing*, estes dois aspectos também são consequência dos poucos recursos financeiros e tecnológicos dos agricultores. A falta de capital dificulta o aproveitamento de fases favoráveis do mercado, como, por exemplo, plantar determinado produto fora de época ou antecipar a colheita para vender no final de entressafra; estes aspectos influenciam também a qualidade dos produtos. Diante destas dificuldades da inserção no mercado, os agricultores optam por alternativas como: feiras, cooperativas e associações.

Na perspectiva de Buainain *et al.* (2003) um grande problema enfrentado pela agricultura familiar é o êxodo rural. Para o autor, o número de indivíduos no meio rural tende a diminuir, e com isso diminui também a mão-de-obra familiar. Os motivos que levam a estes fatores são vários, Buainain *et al.* (2003) destaca alguns:

[...] é notório que tanto o tamanho das famílias rurais como da mão-de-obra familiar tende a diminuir. Nas áreas mais desenvolvidas, o esvaziamento é associado às novas e melhores oportunidades oferecidas aos filhos dos agricultores nos centros urbanos, ou à falta de desenvolvimento local, em particular no meio rural. Na camada de produtores familiares mais prósperos, é comum que os filhos sejam enviados às cidades para estudar, contribuindo para reduzir a disponibilidade de mão-de-obra. Nas áreas mais pobres e menos dinâmicas, a redução da mão-de-obra está associada aos tradicionais fatores de expulsão (BUAINAIN *et al.*, 2003, p. 332).



Buainain (2006) entende que além da agricultura familiar possuir um caráter heterogêneo devido principalmente a fatores culturais, ambientais, sociais e econômicos, esta categoria social é “controlada”. Nas palavras de Buainain: “A agricultura familiar está inserida e envolvida por um conjunto de relações que determinam, em grande medida, sua dinâmica, espaço, desempenho e futuro” (Buainain, 2006, p. 61).

Compreendemos que Buainain percebe a agricultura familiar como uma categoria diversificada, heterogênea. Para o autor, não tem uma metodologia adequada para a heterogeneidade presente da agricultura familiar. Buainain (2006) destaca o caráter político do conceito, bem como também a importância do comércio para a categoria social. A diversificação da produção nos agricultores familiares é importante, contudo, conforme o agricultor vai estabelecendo melhores relações com o mercado, ele tem uma tendência de especializar a produção.

Entendemos também que Buainain (2006) vê a agricultura familiar como um fortalecedor da democracia, pois a categoria não visa concentração de riqueza e poder, e, simultaneamente, é uma fonte geradora de riqueza. Destaca também o êxodo rural. Para o autor a população do campo está envelhecendo devido ao alto índice de jovens que vão residir no meio urbano. Para o autor políticas agrícolas voltadas para esta problemática devem ser feitas, com o objetivo, principalmente, de manter o jovem no campo.

No quadro a seguir, tem-se as principais concepções dos autores com relação ao conceito agricultura familiar.

Quadro 1. Óticas sobre Agricultura Familiar

Autor	Óticas
Abramovay (1990) (2005)	A formação de empreendimentos coletivos promovidos por agricultores são verdadeiros exemplos de organizações que modificam os moldes empresariais existentes, em outras palavras, apresentam características dificilmente vistas em empresas capitalistas, e que propiciam que muitos agricultores adentrem neste ambiente de comercialização.
	A mão-de-obra familiar é algo extremamente importante para a agricultura familiar, essa característica torna a agricultura familiar um setor único no capitalismo contemporâneo. São poucos os setores econômicos (ou talvez nem tenha) em que os laços familiares são tão importantes para um empreendimento.



<p>Buainain (2006) (2003)</p>	<p>A agricultura familiar brasileira é heterogênea. Ela é composta por agricultores que vivem pouco acima da linha da pobreza e simultaneamente é composta também por agricultores afiliados ao agronegócio e que vivem muito acima desta mesma linha da pobreza. Essa diversificação, também é advinda do caráter multifacetado da agricultura familiar, ou seja, das diversas características e fatores distintos que permeiam este segmento social, a citar: setor econômico, heranças culturais, formação histórica dos grupos familiares, diferentes meios de acesso e</p>
	<p>A agricultura familiar pode ser caracterizada por dois segmentos: a direção do estabelecimento deve ser exercida pelo produtor, e o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado.</p>
<p>Buainain (2006) (2003)</p>	<p>O emprego não-agrícola é proveniente da modernização da agricultura somado “à expansão de atividades industriais e de serviços, a montante e a jusante das atividades estritamente agrícolas”. Outro motivo é a expansão das indústrias, que tem buscado espaços no meio rural para realizar suas atividades.</p>
	<p>Com o êxodo rural, o tamanho das famílias rurais como da mão-de-obra familiar tende a diminuir. Nas áreas mais desenvolvidas, o esvaziamento é associado às novas e melhores oportunidades oferecidas aos filhos dos agricultores nos centros urbanos, ou à falta de desenvolvimento local, em particular no meio rural. Na camada de produtores familiares mais prósperos, é comum que os filhos sejam enviados às cidades para estudar, contribuindo para reduzir a disponibilidade de mão-de-obra. Nas áreas mais pobres e menos dinâmicas, a redução da mão-de-obra está associada aos tradicionais fatores de expulsão.</p>

Fonte: Buainain (2006) (2003); Abramovay (1990) (2005);
Organização: Oliveira (2014);

Considerações finais

Tivemos por finalidade neste artigo discutir o conceito de agricultura familiar bem como as características que permeiam o mesmo. Como foi visto alguns autores se assemelham na caracterização do conceito, enquanto outros são totalmente díspares. Notamos que Abramovay vê agricultura familiar totalmente diferente da agricultura camponesa, para o autor a diferença básica entre as duas categorias pauta-se pela primeira ser integrada ao mercado, enquanto a segunda produz para a



subsistência. Já em Buainain a agricultura familiar é uma categoria heterogênea, composta por distintos grupos sociais, e que possui um caráter político.

Em nosso entendimento, destacamos que este segmento social é um universo híbrido, composto por diferentes grupos sociais, heranças culturais, entre outras especificidades, o que torna difícil uma definição definitiva do conceito agricultura familiar. Neste sentido, discussões que trazem a tona às disparidades teóricas em torno do conceito agricultura familiar são importantes para que possa haver um melhor entendimento desta categoria social.

Referências

ALTAFIN, L. **Reflexões sobre o Conceito de Agricultura Familiar**. 2003.

Disponível

em:<http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/extensouniversitaria/contents/photoflow-view/content-view?object_id=1635678> Acesso em: 10 de maio. 2015.

ABRAMOVAY, R, *et al.* **Agricultura Familiar entre o Setor e o Território**. São Paulo, 2005.

ABRAMOVAY, R. **De Camponeses a Agricultores: Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 1990. 376 p. Tese. UNICAMP. Campinas.

BUAINAIN, A. M. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: Questões para Debate**. Brasília. IICA: 2006.

BUAINAIN, A. M. *et al.* **Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural**. Porto Alegre. 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/soc/n10/18723.pdf>> Acesso em: 10 de jan. 2015.

GUANZIROLI *et al.* **Dez anos de evolução da agricultura familiar no Brasil: (1996 e 2006)**. Piracicaba. 2012.

Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032012000200009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 de maio.2015.

Motta, m. (Org). **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2005.

SCHNEIDER, S. **Teoria Social, Agricultura Social e Pluriatividade**. 2003.

Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988.pdf>> Acesso em: 04 de jan.2015.